

Judeus na Amazônia

Eva Alterman Blay

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BLAY, EA. Judeus na Amazônia. In SORJ, B. org. *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 25-57. ISBN: 978-85-9966-260-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Judeus na Amazônia¹

Eva Alterman Blay²

Uma história oculta

A presença dos judeus no Brasil não é, em geral, encontrada na historiografia brasileira. Nos livros escolares, nos compêndios universitários, não encontramos vestígios desta presença. É uma história oculta.

Inúmeras hipóteses podem ser aventadas para explicar esta e outras ausências, entre elas a de uma constante preocupação em definir o que seria a identidade brasileira. Com isso procurou-se enfatizar a homogeneidade cultural³ em detrimento das diferenciações internas e da pluralidade cultural. Igualmente as Ciências Humanas, ao adotarem o critério racial para abordar a população brasileira, dividiram-na em três categorias — brancos, negros e índios — e com isso reduziram as diferenças internas de cada grupo.

Entre as raras pesquisas — temáticas — que abordaram a presença judaica na população brasileira conta-se o trabalho da excelente historiadora Anita Novinski,⁴ que tem estudado continuamente a ação da Inquisição

¹ Parte deste texto foi apresentado na Reunião da Brasa, no King's College, Cambridge, em setembro de 1996. Foi escrito em Paris durante 1996, período em que lá estive com bolsa de Pós-Doutorado da FAPESP.

² Prof. Titular de Sociologia – USP.

³ Veja-se importante estudo de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988) sobre várias correntes precursoras da Sociologia brasileira.

⁴ Anita Novinski (1975). Novinski tem também orientado teses relativas ao tema. Veja-se o importante trabalho de Weisbrot sobre a Argentina e a Inquisição quando aquele autor mostra que Portugal permitira a emigração dos cristãos-novos para o Brasil de 1507 a 1568. Depois ficou proibido por 9 anos. Mas o pagamento de 1,7 milhões de cruzados e este tempo de interrupção permitiu a reabertura da imigração. Do Brasil muitos imigraram para a Argentina disfarçadamente.

contra os judeus da Bahia no século XVII. Outros estudos importantes como os de Guinsburg e Berezin, o precursor trabalho de Pinski⁵ e esforços como os de Egon e Friedda Wolf são bases esparsas. Seus continuadores começaram a despontar nos anos 90.

Em 1980, quando dei início à pesquisa “Os judeus na memória da cidade de São Paulo” (1890 a 1940), do qual este texto é uma das partes, decidi superar a lacuna bibliográfica recuperando parte do passado através da coleta das “histórias de vida”⁶ dos velhos imigrantes.

Todos nós, imigrantes e filhos de imigrantes, temos uma memória que se estende além de nossas próprias vivências. E a Memória das experiências ouvidas, narradas por aqueles com quem convivemos. Nossa vida é acrescida de outras emoções, tensões, esperanças. Encontrei, nas histórias de vida que me foram contadas por judeus brasileiros e imigrantes, sínteses destas múltiplas experiências. Observei que pessoas de origens nacionais distintas trouxeram na bagagem outros costumes, valores, sofrimentos, alegrias, parentescos, antigos e visões políticas. Contudo, uma experiência era comum a todos: *pobreza e perseguição*.

Vidas distintas, observadas em conjunto, muito se assemelhavam. Esta coincidência não era fortuita, todos tinham em comum a condição de judeus.

Entre eles existe uma certa reserva em revelar perseguições, seja por necessidade de esquecimento, seja por pudor ou para exorcizar a imagem do “eterno perseguido”. Mas elas estão sempre nas entrelinhas das histórias contadas. São fundamentais para se entender a vida social do grupo. É uma experiência vivida através de séculos de *pogroms* e que culminou com o Holocausto que atingiu a todos aqueles que o viveram diretamente ou através de membros de suas famílias.

As histórias ouvidas não podem ser resumidas numa única história. No entanto, elas formam um conjunto peculiar. Aproximando-as vê-se que elas se entrelaçam numa *trajetória* comum, internamente diferenciada mas

⁵ Jaime Pinski (1975).

⁶ Daniel Bertaux (1985); H. Avni et alii. (1989).

compondo um conjunto com limites definidos.

Judeus imigrantes

Quando imigram para o Brasil, os judeus se distinguem dos respectivos grupos de mesma origem nacional, não são poloneses, romenos, tuas são judeus-poloneses, judeus-romenos, judeus-italianos, judeus-franceses, judeus-sírios, judeus-marroquinos... O qualificativo é uma marca que antecede o imigrante, formalmente pode nem estar em seus documentos, mas está difuso no imaginário do novo país como no país de origem.

Muitos autores se debruçaram sobre o complexo processo de imigração. Existe uma sintonia entre eles ao reconhecer que o imigrante avalia as perspectivas de sucesso, examina quando surgem áreas novas, procura fugir da pobreza e sabe o quanto é difícil sobreviver em seus países superpovoados⁷.

Os movimentos imigratórios teriam sido facilitados quando a Revolução Francesa derrubou vínculos feudais, mudou o sistema de posse da terra, provocou rupturas na solidariedade familiar e comunitária.⁸ Em consequência, supõem que os indivíduos teriam se tornado livres para encontrar na imigração uma solução para a própria sobrevivência.⁹ Não se pode generalizar tais afirmações. Em primeiro lugar, porque as mudanças nas relações de dominação francesa e a extinção da condição servil não ocorreram na Rússia, Polônia, Romênia e em outras partes da Europa Oriental ou da África e, mesmo onde houve tais transformações, os judeus ficaram excluídos da plenitude dos direitos civis: não tinham o direito de se locomover no território, eram obrigados a morar em áreas determinadas, não tinham liberdade de trabalho, eram submetidos a *numerus clausus* na educação e, sob os mais fortuitos pretextos, eram vítimas de *pogroms*.

Quanto ao segundo aspecto, a ruptura das relações solidárias na comunidade, não há base histórica e sociológica que fundamente tal

⁷ Petrone, 1978, pp. 93-180.

⁸ Idem 1978.

⁹ Idem 1978.

generalização. No caso dos judeus ou de qualquer outro grupo imigrante deveriam ser comparadas às heranças sociais trazidas com o processo de reconstrução da vida social no novo país. É o que faremos a seguir analisando aspectos da imigração judaica, tornando a presença de judeus na região amazônica como paradigma e focalizando dois problemas.

1. Historicamente os judeus construíram, ao longo do tempo e em diferentes países, instituições para garantir a sobrevivência física, cultural e religiosa. Esta rede de instituições constituiu a base da comunidade judaica nos países de origem. Os imigrantes e as gerações posteriores tanto puderam mantê-las, ampliá-las ou reduzi-las. Estes processos de organização social foram também transferidos e mantidos no Brasil?

2. A imigração judaica contemporânea se (lá num momento de profunda transformação da sociedade brasileira, quando se constituía uma complexa cultura nacional, se expandia a economia capitalista-industrial e a identidade do país se definia face a outros países. Os grupos imigrantes poderiam percorrer vários itinerários nesta nação que se construía. Poderiam se dissolver no todo, manter unia identidade própria ou conciliar as duas possibilidades. Qual a interação que se estabeleceu entre imigrantes judeus e os processos culturais, econômicos, políticos e sociais do Brasil na etapa considerada?

A longa viagem

Partindo para as Américas

A partir da descoberta, as Américas receberam imigrações coletivas e particulares.¹⁰ No primeiro caso estavam as sucessivas expedições dos colonizadores espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e holandeses.

¹⁰ Estou chamando de coletivas aquelas patrocinadas pelos governos, do país de emigração ou de imigração. As particulares são aquelas em que um indivíduo ou sua família vem por conta própria, sem intermediação de nenhum governo. O único caso judaico que teve um caráter coletivo foi a Colonização da JCA (Jewish Colonization Association) no Rio Grande do Sul. Os judeus nunca tiveram um Estado que os representasse antes da criação do Estado de Israel.

Desde o início vieram também africanos escravizados. As imigrações particulares eram constituídas de pessoas de diversas nacionalidades, em geral homens sós ou famílias, deslocados por razões políticas, econômicas ou religiosas, sem a intermediação de governos ou outras instituições.¹¹

No século XIX e no começo do século XX houve um forte crescimento nos movimentos imigratórios da Europa e do Japão para o Novo Mundo. Grandes levas populacionais deixaram seus países principalmente por razões econômicas: redução da produção agrícola, fome, grandes deslocamentos internos provocados pelo turbulento início da industrialização e da urbanização. O período foi também marcado por guerras, perseguições políticas e religiosas. Todos os países das Américas receberam imigrantes, mas em magnitudes diferentes. O país que mais recebeu imigrantes foi Estados Unidos, seguindo-se de Canadá, Argentina e Brasil.

Entre 1890 e 1930 entraram no Brasil 3.523.591 imigrantes, dos quais 1 milhão de italianos, outro tanto de portugueses, 500 mil espanhóis, 100 mil alemães, 80 mil austríacos, quase 90 mil japoneses, 108.475 russos, 73.690 sírio-libaneses, além de outras nacionalidades como poloneses, tchecos, lituanos, húngaros, suíços etc¹². Entre 1840 e 1942 entraram 71.360 judeus aproximadamente¹³.

Esta afluência decorre também de mudanças estruturais de caráter socioeconômico e político que marcaram de modo fundamental as duas últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX: 1. plenitude do capitalismo agrícola; 2. expansão do capitalismo industrial; 3. grande desenvolvimento econômico; 4. urbanização; 5. criação de amplo e diversificado mercado de trabalho; 6. extinção legal da escravatura; 7. mudança no sistema político com a proclamação da República. Estas condições constituíram forte atrativo à imigração para o Brasil.

Em síntese: o Brasil se transformava, abria-se largo espaço interno

¹¹ As imigrações judaicas para o Brasil foram particulares com exceção das colônias da ICA (Jewish Colonization Association), no Rio Grande do Sul.

¹² Petrone, idem. p. 101.

¹³ J. Lestchinsky, 1972, p. 77.

para a *produção* de novos bens, para a *invenção* e para a *criação* no mundo cultural.

O café foi o produto que alavancou o desenvolvimento econômico brasileiro depois de 1850. A exportação deste produto, altamente valorizado no mercado internacional, inseriu o Brasil numa posição econômica relevante e criou condições para o aumento da importação e intensa atividade financeira. Resultou em crescente produção industrial e urbanização¹⁴.

Uma economia tão capitalizada atraiu o investimento inglês que se aplicou na infra-estrutura agroexportadora, além de atrair o estabelecimento de ferrovias e portos que favoreceram, de rugi lado, a criação de condições para que fossem instaladas oficinas, pequenas fábricas e empresas de maior porte para a produção de bens de consumo interno como produtos de alimentação, e tecelagem e construção e, de outro lado, a expansão do mercado consumidor. Desenvolveu-se concomitantemente um grande setor urbano de serviços¹⁵.

O crescente mercado produtor e consumidor criou condições para a expansão do setor produtivo que requereu, em consequência, maior quantidade de força de trabalho especializada e braçal. Sucessivamente o governo imperial e o republicano elaboraram políticas para trazer imigrantes para a lavoura.

O governo imperial fez acordos com os governos alemão e italiano: em 1834 começam a chegar colonos alemães, e nos anos 50, os italianos. Acordos com o governo do Japão permitiram a vinda de trabalhadores japoneses para a agricultura em 1895. Empresários patrocinaram a imigração de famílias de trabalhadores italianos para suas fazendas de café; de ingleses e franceses para indústrias de tecidos e vidros respectivamente¹⁶.

Imigrantes de vários países também vieram com seus próprios

¹⁴ Blay, 1985. Cardoso, Furtado; 1969.

¹⁵ Blay, 1985.

¹⁶ Blay, 1985 e 1987.

recursos ou ajudados por parentes imigrados anteriormente, atraídos pelo mercado de trabalho.

O maior contingente de alemães é da década de 1920, quando se registraram 65.839 imigrantes dessa origem. Nessa década aparecem pela primeira vez, registrados como tais, poloneses (24.110), lituanos (26.374), iugoslavos (22.127), além de húngaros e tchecos em menor número. Aparecem também os romenos em número significativo (28.626), embora já mencionados nos registros desde 1904. Ainda que não identificados nas estatísticas, havia judeus entre esses imigrantes e seus descendentes surgiram em nossa pesquisa de campo¹⁷.

O censo de 1870, quando a escravidão ainda vigorava, indica que cerca de 94,5% da população brasileira era livre e 5,5% escrava, ou seja, respectivamente 8.419.672 livres e 1.510.806 escravos¹⁸. Na população livre incluíam-se os imigrantes que se distribuía em variadas profissões, muitas delas desconhecidas no Brasil.

No fim do século XIX houve a grande explosão do “ouro Negro”, a extração, comercialização e exportação da borracha da região amazônica. Uma massa de 500 mil migrantes nacionais e estrangeiros se dirigiu para a região - 200 mil no último decênio do XIX e 300 mil na primeira década do XX - atraídos pelas atividades econômicas ligadas à borracha. Segundo Prado e Capelato a maioria era constituída de nordestinos sendo de “pouca significação”¹⁹ (certamente referem-se apenas ao aspecto quantitativo!) as imigrações estrangeiras.

No fim do século é o Sudeste - Rio de Janeiro e São Paulo - que vai concentrar a maior população rural e urbana, processo que perdura até hoje. Em 1880 entraram em São Paulo 184 mil imigrantes; entre 1890 e 1920 o número cresceu para 1.500.000, praticamente 70% do total dos imigrantes que entraram no país.

¹⁷ Fanny Rubinstein Née Tabacof; Sra. Malvina Teperman, Sra. Klabin entre outros.

¹⁸ F.H. Cardoso, 1977, p. 17, apud Censo de 1872.

¹⁹ Prado e Capelato, 1977, p. 291 e p. 93-180.

Quadro 1
Imigração no Brasil e em São Paulo²⁰

Período	Brasil	São Paulo
1880-	-	184.000
1891-1900	1.129.315	733.335
1901-1920	1.469.095	857.149

Fonte: Randão Lopes apud Cardoso (1977).

Dos 3,5 milhões de imigrantes que entraram no país no período 1890-1930, 2 milhões foram para São Paulo. Com tal fluxo o Estado brasileiro muda sua política imigratória e depois de 1927 os imigrantes de alguns países passam a ser subvencionados pelos governos de origem interessados em resolver problemas internos de superpopulação e desemprego.

Entre 1917 e 1924 os Estados Unidos elaborou uma legislação que restringia fortemente a entrada de estrangeiros. Nos fins da década de 20 a América Latina o imita. Getúlio Vargas, em dezembro de 1930, decreta um controle para a entrada de estrangeiros pois os considera responsáveis “pelo desemprego verificado entre as populações urbanas”.²¹ A partir de então começam medidas de caráter protetor nacionalista como a “lei dos 2/3”, isto é, as empresas são obrigadas a empregar 2 brasileiros natos para cada 3 contratados. São também estabelecidas “quotas de 2% dos imigrantes de cada nacionalidade chegados nos últimos 50 anos”.

Na Europa e no Oriente os problemas demográficos e econômicos continuaram os mesmos e certamente se agravaram em virtude de razões políticas, da ascensão do nazismo em 1933 na Alemanha, de revoluções e

²⁰ IBGE e Dep. Estadual de Estatística de São Paulo tabela 6 apud Brandão Lopes e Cardoso, p. 22.

²¹ Idem, p.97.

da 2ª Guerra Mundial. Formalmente, a porta de entrada do Novo Mundo tinha se fechado. Na verdade houvera um estreitamento da passagem e os fluxos imigratórios continuaram a ocorrer. Podiam entrar pessoas com capital, trabalhadores especializados e também facilitavam-se os reagrupamentos familiares. Isto foi vital às vésperas da 2ª Guerra Mundial, especialmente para os judeus perseguidos nos países dominados pelo nazismo.

Judeus imigram para o Brasil

O período colonial

O movimento imigratório judaico para o Novo Mundo seguiu exatamente a mesma trajetória das imigrações em geral. Os judeus fizeram parte das esquadras dos navegantes descobridores portugueses e espanhóis. Eram astrônomos, geógrafos, escribas, homens do mar.

A colonização portuguesa trouxe para o Brasil uma visão controvertida sobre os judeus. As posições antijudaicas²² expressas por frei Amador Arrais, por João de Barros e por D. Francisco Manuel de Melo vão encontrar respostas em Gil Vicente, no padre Antônio Vieira, em Camilo Castelo Branco e em Alexandre Herculano. Diz Lafer: “Uma literatura é marcada por sua época (embora nela também imprima a sua marca), e essa marca do tempo se transmite, através dela, a épocas futuras”²³. Assim a literatura revela posições que expressavam antijudaísmo e outras que, ao se rebelarem contra esta visão discriminatória, expunham como a hierarquia da Igreja católica e certos grupos da população portuguesa se aproveitavam dos bens materiais dos acusados²⁴. Embora difícil de avaliar, a influência desta literatura nas gerações futuras não pode ser ignorada.

²²Celso Lafer, 1962, p.115. “A obra de Gil Vicente constitui excelente ponto de partida para um estudo do judeu, por intermédio da literatura luso-brasileira. De fato, nela se encontra embrionárias, na sua maior parte, as perspectivas dos diversos autores, do cante vários séculos” (p. 106).

²³Idem, p. 106.

²⁴É paradigmático o romance *O Judeu* de Camilo Castelo Branco (1970) a respeito da perseguição e morte do dramaturgo brasileiro Antonio José, O judeu.

A inquisição na Espanha e Portugal já tinha expulsado os judeus daqueles dois reinos e muitos deles tinham se refugiado no Norte da África, outros na Holanda. Com a instalação da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, algumas famílias judias acompanharam o príncipe Maurício de Nassau e se fixaram em Pernambuco. Dedicaram-se à comercialização e ao financiamento da produção açucareira.²⁵ Em 1645 havia em Pernambuco 14.500 moradores (brancos, negros e índios). Os judeus eram 1.500 dos 6.500 brancos.

Sob dominação holandesa, tinham liberdade de culto²⁶ e constituíram a “primeira comunidade” do país, “Tzur Israel” (Rocha de Israel), que trouxe, em 1624, o importante rabino Isaac Aboab da Fonseca²⁷. A presença deste rabino indica que estavam estabilizados na região e tinham recursos para arcar com a vinda e manutenção de tal personalidade. “A comunidade era próspera e se organizou nos moldes das “kehilot” (comunidades) tradicionais: mantinha-se com o imposto sobre as transações comerciais dos judeus e era governada pelo Maamad ou Conselho de cinco membros, eleitos anualmente. O Maamad controlava todos os aspectos legais da vida dos judeus, exercendo autoridade judicial, impondo multas e regulamentando as relações internas da comunidade”²⁸, afirma Berezin.

A permanência holandesa perdura por 30 anos. Com a retirada de Nassau, metade dos judeus holandeses, temerosos de serem novamente perseguidos pela Inquisição, deixam o Brasil; alguns o acompanham, outros se instalam em países da América Central e na Nova Amsterdã, na ilha de Manhattan, depois New York. Cemitérios do século XVII, com lápides em

²⁵Rifka Berezin, 1975. Este é um fato histórico controverso.

²⁶Autores como Novinski, Berezin, afirmam a liberdade religiosa ao passo que Buarque de Hollanda (1976, org.) informa que houve “perseguição aos israelitas” por parte das autoridades holandesas (p. 241). A contradição entre estes autores mostra como o assunto, ainda precisa ser estudado. É certo, porém, que haviam sido construídas as sinagogas Zur Israel (em Recife), a Maguem Abraham em Maurícia e outras na Paraíba e em Penedo. Segundo Hollanda, “os israelitas” foram vítimas de “uma verdadeira campanha anti-semita”, pois “quase todos os negócios passavam-lhes pelas mãos e daí o ódio que contra eles acumularam os seus concorrentes holandeses” (p. 248).

²⁷ Isaac Aboab da Fonseca é considerado o autor do primeiro texto escrito em hebraico nas Américas; “Zekher asiti liniflaot El” (Ergi um Memorial aos milagres de Deus), composto em Recife em 1646 (Hollanda, 1976, p. 249).

²⁸ Berezin, 1975, p.2-13.

hebraico e português, são testemunhos deste trajeto.

Em 1654 quando Pernambuco foi reconquistada pelos portugueses, 600 judeus permaneceram no Recife²⁹.

Na mesma época os “cristãos-novos”, judeus convertidos, são encontrados na Bahia onde tinham começado a chegar desde o início do século XVI e onde foram submetidos a situações muito contraditórias. As mesmas restrições de “pureza de sangue” do Concílio de Latrão de 1215, que vigoravam na metrópole, foram impostas à colônia, os “cristãos-novos” passaram a ser considerados “sangue impuro”. A Inquisição ratificou que filhos e netos elos “hereges” não podiam “desempenhar funções públicas na índia, não podiam ser boticários, nem médicos, nem ser admitidos a nenhuma cadeira da Universidade. Não podiam pertencer às ordens militares, nem negociar na Bolsa e cogitava-se de medidas que os impedissem de casar com cristãos-velhos [...] Não podiam ser fidalgos nem ter honra alguma”. Sol a alegação de que prejudicavam os “naturais” tentou-se impedir que exercessem o comércio. Os casamentos mistos, isto é, com cristãos-velhos, seriam punidos e o castigo atingiria os descendentes impedindo-os até mesmo de andar a cavalo, ou que suas mulheres e filhos andassem de coche ou cadeira³⁰. Estas formas de discriminação, socialmente visíveis, tinham por objetivo mostrar com clareza que os judeus eram um grupo inferior, impuro, “párias”³¹ da sociedade.

Na colônia as imposições da Inquisição eram obedecidas de maneira mais flexível, mas sempre existia o medo de uma denúncia, de um processo, da prisão, da tortura e da pena de morte. Novinski acata a hipótese de que esta permanente desconfiança seria responsável “pelo comportamento de uma população desconfiada, insegura e extremamente crítica”, que ela identifica na “personalidade do homem brasileiro”³². Hipótese difícil de provar mas bastante sugestiva face aos dados que ela apresenta: os “familiares”, isto é, fiéis servidores da inquisição, recebiam pagamentos por

²⁹ Idem, p. 243.

³⁰ Novinsky, 1972, p. 51.

³¹ Idem, p. 58. Punições semelhantes eram usuais no Sul da França, em Avignon ver René Moulinas.

³² Idem, p. 58.

dia de serviço, além de ordenados e outros proventos por cada auto-de-fé. “O total de propinas nos autos-de-fé era de 350\$000, sendo o total de despesas 144\$760³³. Entre 1624 e 1654 “A Bahia [...] estava abarrotada de ‘familiares’³⁴, pessoas regamente pagas para delatar. E, como se sabe, a primeira providência da Inquisição era sempre se apropriar dos bens dos ‘hereges’, isto é, dos judeus acusados de praticar a antiga religião”.

Saraiva³⁵ para Portugal, Netanyahu³⁶ para a Espanha, Karady³⁷ para o Império austro-húngaro, Novinsky³⁸ para o Brasil consideram que os mecanismos postos em prática para perseguir os judeus, despojá-los de seus bens, impedi-los de ocupar posições econômicas, políticas, enfim, de se inserir na sociedade, foi uma forma de reprimir o fortalecimento da burguesia ou de parcelas da burguesia que cresciam nestas sociedades. Excluir os judeus era uma forma de barrar um significativo grupo da camada burguesa em ascensão e de resguardar o poder da minoria aristocrática.

Judeus, mouros ou negros, todos tinham sangue “infecto” e como tal constituíam unia “casta” excluída de posições ou cargos mais elevados. Deveriam se manter sujeitos à aristocracia, ao poder dominante e deveriam ser desprovidos de liberdades que pusessem em risco monopólios e privilégios. Entretanto, na colônia as regras foram mais flexíveis e alguns “cristãos-novos” receberam sesmarias, tiveram propriedades, tornaram-se senhores de engenho, produziam e negociavam açúcar e chegaram a ocupar posições políticas assim como cargos públicos. A situação vivida era bastante contraditória, com permanente ameaça da Inquisição. E paradigma desta situação de intranquilidade a morte, na fogueira da Inquisição, do dramaturgo brasileiro Antônio José da Silva, o judeu, tão bem descrita por Camilo Castelo Branco e tão pouco lida pelos estudantes brasileiros, ao contrário de suas outras obras³⁹.

³³ Oliveira, 1943 apud Novinsky, 1972, p. 106.

³⁴ Novinsky, 1972, p. 106.

³⁵ A.J. Saraiva, 1956 apud Novinsky, 1972.

³⁶ Netanyahu, 1966 apud Novinsky, 1972.

³⁷ Karady, 1991.

³⁸ Novinsky, 1972.

³⁹ Castelo Branco, 1970. Clássico da literatura portuguesa, Camilo é leitura obrigatória no

A época contemporânea

No fim do século XIX mudou o processo migratório em geral, inclusive o judaico. Em número reduzido, se comparado a algumas outras nacionalidades, os judeus provêm sobretudo da Europa Oriental (ashkenazim) onde tinham vivido por séculos. Houve também uma leva migratória proveniente do Norte da África, especialmente do Marrocos e da cidade livre de Tânger (sefardim). Na Europa Oriental tinham vivido por séculos antes mesmo da constituição de Estados nacionais como a Romênia, Polônia, Ucrânia, Rússia e Lituânia. Viveram umas histórias marcadas por alterações políticas, guerras, mudanças nas esferas de poder. Qualquer que fosse o grupo vencedor, eram mantidos numa condição subalterna, sujeitos a expulsão e a altos pagamentos coletivos pelo direito de moradia.

Durante todo o período czarista - que dominou a Rússia, a Polônia e a Romênia - os judeus foram obrigados a viver numa “área de residência”, impedidos de possuir ou arrendar terras, excluídos das corporações de ofício e do trabalho em inúmeras atividades. Não tinham o direito de circular. Sofriam ataques a suas Moradias e pequenas oficinas, eram alvo permanente de violências físicas e mesmo assassinatos, seus bens eram roubados, as mulheres violadas. A polícia observava de longe estas agressões. E não foram raros os casos de serem açoitados pelas autoridades⁴⁰.

Em nenhum país reivindicaram autonomia territorial⁴¹ mas buscaram alcançar igualdade política, cidadania, liberdade religiosa e respeito aos valores culturais. Estas demandas foram interpretadas como um inaceitável direito à diferença e serviram para que, freqüentemente, fossem considerados hóspedes indesejáveis.

Condições semelhantes foram vividas em países do Norte da África e

secundário. No entanto seus dois volumes de *O judeu* jamais são sequer mencionados para os estudantes.

⁴⁰ R. Ertel, 1986. H. Minzeles, 1995. Abrantsky et alii 1987. Plasseraud e Minzelles, 1996.

⁴¹ Karady, 1991, p.161.

do Oriente. Em todos eles a maioria cios judeus ocupava posições subalternas, a exceção ficava com uma minoria que tinha fortuna ou estava próxima ao poder⁴². Mesmo estes foram subjugados e perseguidos em muitos períodos da História pela inquisição, nazismo, e stalinismo.

Face a todas as privações, violências físicas e perseguições, uma das soluções era imigrar.

A história vivida

Existe atualmente no Brasil unia comunidade judaica articulada. Diferentemente de alguns processos migratórios em que as relações étnicas se dissolveram cora o tempo e o contato com outras culturas, a judaica tende a restaurar-se nas sociedades em que se insere.

A questão da transmissão histórica tem como fundo a mudança ou a manutenção da identidade étnica. *Barth* mostra que para analisar a *mudança* da identidade étnica se deve procurar os processos que limitam a reprodução dos grupos étnicos⁴³. A validade desta teoria permite utilizá-la justamente para o oposto, isto é, para a análise dos grupos sociais que *mantêm* a identidade social⁴⁴ embora mudem os contextos sociopolíticos.

⁴² L. Poliakov, 1979, p. 176.

⁴³ Barth, 1994, p. 11.

⁴⁴ Ao descrever os passos para a análise, diz Barth que se eleve considerar a: “identidade étnica como um aspecto da organização social atais elo que unia expressão nebulosa da culatra: sendo patentemente uma questão de grupos sociais ela é um aspecto da organização social da diferença cultural [...]” - isto significa “focalizar as fronteiras e os processos de recrutamento e não o estoque cultural que as fronteiras incluem [...]” “mais ao focalizar estes processos de manutenção da fronteira se verifica que os grupos étnicos e suas características são produzidos sob interações particulares enl circunstâncias históricas, econômicas e políticas: eles (os processos) são altamente situacionais e não primordiais – “sendo uma questão de identidade, pertencer a um grupo étnico depende de ser inscrito ou se auto-inscreve”. A etnicidade só vai late tinta diferença organizacional se os indivíduos a adotarem ou forem constrangidos por ela, agirem sobre ela ou a experimentarem. [...] as diferenças culturais que marcam a etnia são aquelas que as pessoas usam e não as que os analistas escolhem e supõem que a marcam”. Barth, 1994, p. 12. Como ele diz “as pessoas jogam o mesmo jogo. Barth, 1994, p. 12 apud Barth, 1969, p. 15.

Para entender a reprodução da cultura o que se deve procurar são “os processos que sustentam as descontinuidades relativas neste fluxo e assim provêm uma base para a identidade étnica. Isto leva aos seguintes passos: 1) observar a variação cultural na população total e plural; 2) identificar nela os processos que geram e destacam descontinuidades culturais maiores. A socialização na família não pode mais — certamente não na sociedade ocidental moderna — ser considerada como a fonte de todo o conhecimento, habilidades e valores, ou a que provê a única base experimental na qual se forja a identidade”⁴⁵.

Este procedimento é inspirador mesmo em circunstâncias nas quais não pode ser inteiramente aplicado devido à diversidade e amplitude da sociedade global. É frutífero, neste caso, adotar um procedimento de “*microescala de observação*” pois, concordando com Revel, os fenômenos globais permitem uma outra leitura se os encaramos pelas estratégias que os indivíduos criam e pelas biografias de famílias⁴⁶.

O procedimento que adotamos insere-se parcialmente na microescala ele observação, mas ampliamos o contexto para obter um conjunto que permitisse apreender diferenças e fazer comparações.

O resultado das cerca de 100 histórias de vida coletadas sugere unia trajetória genérica seguida pelos imigrantes judeus no território brasileiro que permite a seguinte descrição: chegando a um porto (Santos, Rio de Janeiro, Recife), os judeus procuravam seus conterrâneos, judeus de mesma região de origem. Após alguns dias de reconhecimento das condições do local, procuravam rapidamente um trabalho. Poucos ficavam nas capitais, iam para o interior dos estados e quando podiam fixavam-se numa pequena cidade. Mantinham contato constante coma capital seja por razões de trabalho ou por relações sociais e religiosas. Os solteiros iam buscar uma esposa na Europa ou na África do Norte, mandavam uma carta de chamada ou casavam-se dentro da comunidade com grande freqüência.

Depois de alguns anos, quando a situação econômica melhorava e os filhos começavam a crescer, mudavam-se para a capital do respectivo

⁴⁵ Idem, p. 15.

⁴⁶ Jacques Revel, 1996, p.12.

estado e, como a maioria dos brasileiros, posteriormente migravam para São Paulo, onde os encontramos.

São Paulo concentra cerca de 100 mil judeus, de um total de 150 mil existentes no Brasil⁴⁷.

A principal causa apontada como determinante para a migração interna foram os filhos: dar educação mais elevada, evitar a divisão da família quando eles tinham de cursar ensino universitário e permitir aos filhos “ficar mais perto” de outros judeus. Estava aí subentendido ter uma socialização junto à comunidade judaica e facilitar casamentos endogâmicos.

Ao estudar os judeus em São Paulo acaba-se recompondo todo o processo de imigração dos judeus para e dentro do Brasil.

A linhagem judaica amazonense

Os Benchimol

Entre as primeiras referências à presença judaica no século XIX estão os judeus originários do Norte da África (Marrocos francês, árabe, espanhol e da cidade livre de Tânger) onde havia crise econômica e perseguição por parte de alguns sultões. Imigraram para os estados do Amazonas e do Pará ainda antes da grande exploração da borracha. Testemunham esta presença as sepulturas judaicas de Soledad, cemitério de Belém (Pará) e as sinagogas Shaar Ashamaim e Essel Abraham, fundadas naquela cidade entre 1826 e 1828⁴⁸. Belém e Manaus foram as portas de entrada para judeus que se instalaram em cidadezinhas do interior do Pará e do Amazonas. Há referências à presença de famílias judaicas, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, às beiras de vários rios entre os quais o Tapajós,

⁴⁷ Jewish Communities of the World. Institute of World Jewish Congress. 1996. Esta instituição informa que há 130 mil judeus no Brasil.

⁴⁸ S. Benchimol, 1994.

Abunã e nas seguintes localidades⁴⁹.

Quadro 2

Famílias judaicas, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, na região amazônica	
Localidade	Família
<i>Alenquer</i>	DAHAN, BENUIGUI, ATHIAS e FINAS
<i>Boim, Aveiros e Itaituba</i>	BENCHIMOL, BENTES
<i>Cameté</i>	ABSÁ, LARRAT, AMZALACK

Localidade	Família
<i>Coari</i>	PINTO
<i>Gurupá</i>	ABENATHARE, SICSU e AZULAY
<i>Humaitá</i>	LEVY
<i>Itacoatiara</i>	PERES e EZAGUI
<i>Macapá</i>	ZAGURY
<i>Maués</i>	BECASSIS e LEVY
<i>Melaço</i>	SERFATY
<i>Óbidos</i>	CHOCRON, AMOY e ELMESCANY
<i>Parintins</i>	ASSAYAG e ZAGURY
<i>Portel</i>	BENZECRY
<i>Santarém</i>	SERRUYA e CAGY
<i>Sena Madureira</i>	LAREDO e ABTIBOI
<i>Tefé</i>	SIQUEIRAS

Fonte: Benchimol 1994 p. 2 e 4.

Por volta de 1850 existia uma comunidade judaica em Santarém e

⁴⁹ Idem, p. 2 e 4.

Itaiutuba, à beira do rio Tapajós, que deixou conto traço, mais unia vez, as sepulturas dos “judeus pioneiros do ciclo da borracha”. Teriam emigrado há décadas de Tetuan, Ceuta, Casablanca, Fez, Rabat, Marrakech,⁵⁰ empurrados pela crise econômica do Marrocos e pela perseguição de vários sultões. Por outro lado os governos do Amazonas e Pará facilitavam a vinda de imigrantes. Falavam o português e o espanhol antigos, do século XVI, e o haquitia, mistura destas mais o árabe-marroquino⁵¹.

Era tão freqüente a vinda de imigrantes para a Amazônia que os navios da Companhia Italiana Ligure Brasileira “fazia(m) a linha Gênova, Marselha, Tânger, Lisboa, Belém, e Manaus...”⁵²

Outra leva que aporta na região amazônica, no século XIX, é de judeus vindos da França. Uma versão explica que quando a França foi derrotada pela Alemanha em 1870, rejeitando tornarem-se alemães, muitos judeus alsacianos⁵³ foram para Paris, para o Sul da França e alguns deles vieram para o Brasil. Discordando daquela explicação, Raphael, Vidal-Nacquer e outros indicam que os judeus alsacianos eram discriminados pela maioria católica e protestante local e foram para outras partes da França ou emigraram para tornarem-se “iguais”. Em São Paulo, instalaram atividades relacionadas ao comércio de penhores, no centro da cidade. Outros foram para Manaus, onde se tornam importadores de bens franceses como relógios, artefatos para casa, instrumentos dentários e ladrilhos e vidros para o Teatro Amazonas, construído em pleno auge da exportação da borracha e que era etapa obrigatória nas turnês dos grandes artistas internacionais no fim do século XIX.

Os judeus da África do Norte foram trabalhar no comércio dominado pelas casas aviadoras. Estas vendiam a crédito, ao seringalista, desde

⁵⁰ Idem. p. 02.

⁵¹ Idem, p. 55. É preciso lembrar também que os judeus do Norte da África tinham emigrado de Portugal e Espanha na época da Inquisição (1492 e 1500) e guardavam o português e o espanhol.

⁵² Idem, p. 55.

⁵³ M. Fournier, 1994, mostra que na Alsácia e na Lorena os judeus, como minoria, entre católicos e protestantes, viveram períodos muito difíceis. Foram objeto de violências e extorsões e no imaginário popular eram associados a ladrões, p.33 apud Raphael Weyl, p. 408-409.

utensílios para extração da borracha, roupas, alimentos, remédios, em troca da borracha; os seringueiros ficavam sempre endividados com este mecanismo. Entre os judeus imigrantes muitos trabalhavam como empregados destes aviadores. Mas alguns tentaram romper o monopólio das grandes empresas. Sírios, libaneses e judeus instalaram pequenos negócios e foram procurar o seringueiro diretamente nas margens dos igarapés, às escondidas, para vender mercadorias e comprar borracha. “Era então um negócio clandestino (sic) que implicava grandes riscos. Os seringalistas e aviadores os perseguiam, pois o monopólio da venda de mercadorias e compra de borracha aos seringueiros lhes pertencia. Lesados (sic), agiam drasticamente, punindo com severidade o regatão”⁵⁴. Como se vê a análise exposta acima está permeada pela ideologia monopolista das grandes casas aviadoras.

Entre as primeiras levas de imigrantes que chegaram a Santarém e no Tapajós, por volta de 1850, vieram Israel Isaac Benchimol e seu irmão Abraham Isaac Benchimol, originários de Tânger, Marrocos...⁵⁵ A trajetória vivida por Israel e seu filho Isaac é muito semelhante a de outros judeus seus contemporâneos na Amazônia. Abraham morreu cedo.

Israel teve um filho, Isaac, em 1888, em Aveiros, no Pará, e morreu quando o menino tinha 7 meses.

Isaac foi criado pela avó Thomasia, judia-marroquina, que o levou a Tânger quando tinha 8 anos “para dar-lhe uma educação religiosa e profissional”⁵⁶. Fez o primário na Aliança Israelita Universal como seu pai o fizera.

A Aliança Israelita Universal é uma instituição de origem francesa, criada por volta de 1800 para dar apoio aos judeus perseguidos em outros países, desprovidos de cidadania e sem recursos econômicos. Ela dava educação e formação para o trabalho. Com sede em Paris esta instituição inspirou-se na concessão de cidadania aos judeus (1791) dois anos após a Revolução Francesa, para apoiar as demais comunidades judaicas sujeitas a *pogroms* e a selvagens perseguições como as da Romênia, Rússia, Polônia e

⁵⁴ Prado e Capellato, p. 94. Lamentavelmente as autoras não foram felizes na forma com que descreveram a situação deixando dúvidas ao leitor: por que dizer que as grandes casas aviadoras foram lesadas?

⁵⁵ Benchimol, 1994, p. 62.

⁵⁶ Idem, p.62.

outros países.

Na Aliança Israelita Universal Isaac fez o primário, “aprendeu hebraico e foi introduzido no estudo da Torá. Lá ficou durante 5 anos quando sua avó resolveu voltar, em 1903, para Belém do Pará, tendo antes cumprido o dever religioso do Bar-Mitzvá numa sinagoga de Tânger”.⁵⁷

Chegando a Belém começou a trabalhar imediatamente como balconista e vendedor e à noite estudava contabilidade para ter uma profissão.

Em Belém e Manaus as grandes casas exportadoras e aviadoras pertenciam aos ingleses, alemães, franceses e portugueses que controlavam o comércio da borracha e demais produtos da região. Quem quisesse se iniciar nos negócios tinha de ir para o interior, mas antes precisava obter crédito junto às casas aviadoras.

Não dispondo de condições econômicas Isaac, aos 21 anos (1909), vai trabalhar no Acre, no rio Antimary como balconista de um barracão num seringal. Lá ficou vários anos aprendendo. Coai suas economias começou a trabalhar, como seu pai o fizera, “no ramo de regarão comerciante fluvial ambulante” — comprando e vendendo mercadorias e gêneros para os seringais do rio Tapajós e Baixo Amazonas.⁵⁸

Tornou-se profundo conhecedor da região e foi servir como guia ao Capitão Rondon, recebendo o título de Capitão da Guarda Nacional. Casou-se com uma prima e, enviuvando, casou-se novamente com unia mulher judia. Nina Siqueira (D. Lili), filha de Raphael Siqueira, comandante de uma embarcação cuja companhia tinha sede em Tefé, no rio Solimões.

Teve 8 filhos dos quais três homens. Viviam nos seringais perto da Bolívia, junto ao Rio Abunã. Levava os filhos para o *brith-milah* (circuncisão) em Porto Velho “onde havia uma pequena comunidade judaica” que trabalhava seja nos seringais seja na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré.⁵⁹

Seus negócios acompanharam o auge e a crise da borracha; acabou falindo. Sua mulher, D. Lili, “trabalhando dia e noite, numa velha máquina de costura Singer, fabricando e costurando blusões de

azulão, brim ou sacos usados de farinha de trigo, para vender aos seringueiros e aviadores, e vestidos de chita e algodão para as mulheres do seringal”, consegue comprar as passagens numa gaiola e manda os filhos homens para “a casa de sua mãe portuguesa-judia, D. Lucila Siqueira, em Belém do Pará”.⁶⁰ Deviam estudar e fazer o Bar-Mitzvá.

Após perder tudo com a crise de 29, Isaac só vai conseguir um emprego como guarda-livros em Manaus alguns anos depois.

Paga suas dívidas mesmo prescritas e com isso a vida familiar se tornou extremamente dura. Não podiam tomar um bonde ou ir ao cinema. Na sexta-feira e rio sábado “famos todos à sinagoga improvisada na Av. Getúlio Vargas, para fazer as orações de *arbith e tefilah* (sic) e (também) às cerimônias religiosas de *Pessah, Sucot, Shabuoth, Rosh-Hashanah, Yom Kipur, Purim e Hanuká*. (Cumpria) os deveres religiosos juntamente com todos os seus filhos.⁶¹

Os filhos fizeram universidade e alguns continuam na região amazônica.

Antes de morrer Isaac expressou o desejo de ter um enterro judaico — com uma mortalha. Pediu ao Rabino para ler os *Tehelim* (Salinos de Davi) e pediu para que todos os filhos rezassem com ele parte da oração. *Shemá Israel*:

“Ouve, Israel, Adonai é nosso Deus, Adonai é um só...”⁶²

Recomendou que ficassem de luto, sentados no chão, por três dias após sua morte. Ou seja, fez pedidos que cumpriam parcialmente o ritual judaico pois, como disse, os filhos tinham de trabalhar.

A história de Isaac é paradigmática. No meio dos seringais, afastado por longos períodos da comunidade judaica, isolado à beira dos rios, vivendo num meio católico permeado por crenças indígenas e afro-brasileiras⁶³, sem ter uma sinagoga, Isaac e outros judeus tão dispersos quanto ele restauraram o judaísmo e a prática ritual possível. Mantinham alguns preceitos com atos que marcavam etapas do ciclo de vida como o nascimento, circuncisão, Bar-Mitzvá, o sepultamento e também o

⁶⁰ Idem, p. 65.

⁶¹ Idem, p. 67.

⁶² Idem, p. 70.

⁶³ Observe-se que tão estou afirmando que ele ou os outros tenham ficado alheios as influências das outras religiões. Ao contrário, em várias histórias de vida há uma clara adoção de outras práticas e crenças.

⁵⁷ Idem, p.63.

⁵⁸ Idem, p.62 e 64.

⁵⁹ Idem, p.65, 66.

casamento endogâmico. O saber aprendido na infância era reproduzido, partilhado, expandido. O elo religioso e cultural da comunidade de origem não era esquecido nem abandonado. Não se rompeu. Posteriormente, quando retornou ao centro urbano, ele se reagrupou a outros judeus e participou da construção restauração de uma comunidade judaica em Manaus.

Isaac Benchimol tinha uma auto-imagem de sua posição social: cidadão brasileiro, amazonense, judeu. Esta complexa síntese se revela na carta que deixou para ser lida após sua morte ocorrida em 24/12/1971:

À minha querida e adorada esposa Lili e aos meus inestimáveis filhos e netos:

Ao partir deste mundo sinto-me imensamente feliz, por ter deixado, na Terra, uma geração de homens e mulheres que honram *o Amazonas, o Brasil e o Mundo*,⁶⁴ após ter cumprido a minha missão na Terra com honestidade e hombridade. Fiz tudo que foi possível fazer em favor de nossa comunidade, deixando como Presidente do Comitê Israelita do Amazonas um valioso patrimônio para ela, ajudado pelos meus filhos Israel, Samuel e Saul e por toda a comunidade judaica desta cidade.

Desejo que todos os meus filhos e netos sigam todas as nossas tradições judaicas e saibam honrar o nome de nossa família. Só desejo que se lembrem das minhas *NAHALOT* e digam um *KADISH* todos os anos⁶⁵.

Benchimol assume-se *judeu, amazonense e brasileiro*. Sua identidade é unia soma destas dimensões. É um brasileiro da região amazônica. Conto os demais brasileiros sua identidade passa pelo regional.

Mas ele soma mais uma dimensão, a identidade judaica, que ele define à sua maneira. Amplia sua atuação judaica assim que retorna a um meio onde existem outros judeus. Consagra-se ao trabalho de instalar e reestruturar uma comunidade. A sinagoga, a escola, a ajuda mútua, o cemitério. Ao invés de se diluir, sua ação se soma a de outros semelhantes para sedimentar para o futuro esta antiga e restaurada comunidade judaica.

⁶⁴ O destaque não consta do original.

⁶⁵ Idem, p. 70.

Comandante de embarcação, comerciante fluvial ambulante, seringueiro, regarão, trabalhador braçal em estrada de ferro, escriturário, ou comerciante bem-sucedido, todas foram profissões desempenhadas na região amazônica pelos judeus das duas primeiras gerações, no século XIX e começo do XX.⁶⁶ Como todos os demais brasileiros da região trabalharam, construíram família, nasceram e morreram na Amazônia ou migraram para outras partes do Brasil. Este grupo diferenciou-se ao constituir um dos ramos clã primeira geração de judeus do Brasil contemporâneo.

A transmissão inicial da condição judaica se deu através da família. É por ela que as crianças ficam sabendo que são judias. Outras instituições concorrem para tal formação como a “escola judaica informal”, o “Professor”, aquela pessoa que sabia o hebraico, a leitura da Torá e ensinava ao adolescente. A história de Isaac Athias revela o papel da família e as formas de preservação clã cultura e da religião judaica no Amazonas e posteriormente sua expansão pelo resto do Brasil.

Isaac Athias: Rosh Hashaná sobre palafitas

A história de Isaac Athias revela como o judaísmo essencialmente urbano sobrevive em região de floresta, de vida quase isolada entre rios e igarapés.

Eu sou descendente de judeus marroquinos; meu pai é de Rabad e minha mãe de Arzilia, no Marrocos. Eles estão no Brasil desde 1880, vieram “fazer a América”, como se dizia. Não era uma imigração forçada, as pessoas vinham com a idéia de adquirir alguns recursos e voltar, o que não aconteceu pois acabaram ficando aqui, se enraizando.

Meus pais se casaram no Brasil e somos nove irmãos: Maluf, Alegria, Nina, Isaac, Moisés, Jacob, Nori e José. Estamos na 4ª geração e a maioria ficou em Belém do Pará.

Nasci em 1908, em Belém, nós morávamos no interior do Pará, em

⁶⁶ B. Levy, Raphael Benoliel, Isaac Benayon Sabbá, Isaac Jacob Benzecry e Isaac Israel Benchimol. Benchimol, 1994.

Breves. Fiz meu curso primário no interior, com viagens prolongadas. [...] as escolas eram distantes e se ia remando em pequenas embarcações até chegar à escola [...] Meu pai era seringalista, isto é, tinha um barracão, comprava as pranchas de borracha, e os seringueiros eram aviados por ele. Depois a borracha ia para o aviador que a exportava para a Inglaterra. Nos morávamos no interior e só havia ligação com Belém a cada 15 dias, quando passava a gaiola que era uma pequena embarcação. De Breves a Belém levava umas 36 horas.

As condições de vida de Athias assemelham-se às dos seringueiros, mas diferenciam-se com relação à importância atribuída à educação formal: quando, por razões político-econômicas, a escola foi extinta, seu pai cedeu parte de própria moradia para nela ser instalada uma escola pública.

O barracão de meu pai se chamava 'Livramento do Itaquara', era nina pequena terra toda cercada por igarapés, eram ilhotas isoladas. No interior era assim, morávamos na margem dos rios, em casa com estacas por causa da maré. Durante as festas religiosas, como a nossa casa era muito grande e o meu pai era religioso, reuniam-se lá. Vinham de diversas localidades, de outros municípios como Apuã, Anajás [...] vinham remando três ou quatro dias para poderem fazer as festas em conjunto. Por exemplo, vinham para o *Rosh Hashaná* e ficavam ali mais ou menos 70, 80 pessoas no barracão. Isso era fácil pois não tinha cama, se dormia em redes; os salões eram grandes. Ficavam umas 10 ou 20 redes espalhadas em cada sala. Eu tenho boas lembranças dessas festas.

É tão óbvio para Athias que as festas eram judaicas que ele nem o menciona. Refere-se apenas a "festas religiosas". Viviam como os amazonenses em casas de palafita, o cotidiano era o rio e a floresta. Mas se reuniam para as "grandes festas": o Ano Novo Judaico (o *Rosh Hashaná*), e o Grande jejum (o *Yom Kipur*). Várias gerações se encontravam, transmitia-se a tradição e o ensinamento.

Não tínhamos a Torá, o rolo dos livros sagrados, tínhamos apenas o livro de preces. Não tinha rabino. Meu pai é que servia de "hazam" (cantor litúrgico).

As rezas eram em hebraico, mas hebraico literário! Nosso ritual era sefaradim, que é diferente do ashkenazim seja para ler o hebraico ou

na comemoração de Pessach (Páscoa).

Portanto, a distância não significava isolamento nem esquecimento de raízes aprendidas em lugares distantes e em outras etapas da vida - infância, adolescência, ou na idade madura. O isolamento era relativo, os contatos constantes, porém, com longos períodos de afastamento. Obedecendo a um calendário religioso, à beira dos rios, dos igarapés, improvisava-se uma casa de oração e se reuniam os judeus das "proximidades" - o tempo se media em dias de barco. O calendário judaico era o mesmo que em qualquer parte do mundo: comemorava-se o dia 1º de *Tishrei* (Dia de *Rosh Hashaná*, início do Ano Novo) e o 102 dia de *Tishrei* (Dia do *Yom Kipur* ou Dia do Perdão).⁶⁷

O modo de conviver era o amazônico - a rede, o alimento vindo do rio, a roupa. Nesta data era mais importante estar junto, orar coletivamente, pedir "perdão a Deus" pelos pecados cometidos e ser "inscrito no Livro da Vida" para o ano vindouro conforme mandava a tradição religiosa.

Construía-se na família a socialização judaica das crianças e os tios da rede comunitária do interior da Amazônia.

Outras cerimônias traziam um certo formalismo à educação judaica dos meninos por ocasião da maioridade religiosa, o *Bar-Mitzvá*. É a figura do (sempre) pobre⁶⁸ professor leigo do "steitel europeu" ou das comunidades judaicas norte-africanas que reaparecia no Brasil para ensinar as rezas em hebraico e os procedimentos religiosos. Conta Athias:

A parte religiosa da minha educação foi dada por um dos judeus mais religiosos que conheci, o Sr. Elias Israel. Sua família era rica, empobreceu com a queda da borracha e ele foi ser professor de hebraico. Morava em Belém e também trabalhava como ambulante. Ele passou a vida comendo casher (alimento preparado conforme o ritual judaico) que a mulher preparava e tinha que durar de 30 a 40 dias. Conservavam com gordura.

A senhora dele montou uma pensão para hospedar os meninos judeus que vinham do interior estudar hebraico com ele. Vim com uns 12

⁶⁷ Calendrier Annuaire 5757 (1996-97). Société Paris 12 ème.

⁶⁸ Embora respeitado, o professor sempre teve uma remuneração aquém de suas necessidades e economicamente se equiparava aos indivíduos pobres.

anos me preparar para por os “tfilim” (filactérios) e fazer a Bar-Mitzvá. Ficávamos de 3 a 4 meses hospedados na casa do Professor. Era muito respeitado pela comunidade apesar da pobreza e de sua vida modesta.

Athias conta que para continuar a tradição religiosa da casa paterna foi aprender o hebraico, ler a Torá e se preparar para o ritual de sua maioria judaica aos 13 anos. Para isto teve de deixar a casa paterna. Mas como pagar tudo isto?

Meu pai perdeu tudo cone a guerra de 1914. Porque o principal produto era a borracha [...] Mais ou menos nesta época minha mãe foi visitar a minha avó em Belém, estava muito necessitada e a minha avó lhe deu 50 mil-réis, me parece[...] Mas ela queria aprender qualquer “indústria”, não sabia o que é pedir. Então, passando numa rua, viu uma placa de um professor e entrou.

- Mas o que a Sra. quer aprender?

- Eu não sei...

- Onde é que a Sra. mora? O que tem lá?

- Moro no interior, lá tem muitos roçados, tem aquela queima que forma cinzas, tem frutas oleaginosas...

- Então a Sra. vai aprender a fazer sabão, porque a Sra. tem iodios os elementos locais, só leva da capital a soda cáustica.

A mulher entra com seu trabalho para reorganizar a vida econômica da família (lembramos D. Lili costurando e vendendo blusões e vestidos de chita, a esposa do Professor que mantinha unia pensão para os meninos...)

Então ela comprou um tambor de soda cáustica, e começou a fazer sabão. Quando se queimava o roçado no interior, juntávamos a cinza para tirar a lixívia para fazer o sabão; e das frutas oleaginosas, o sebo e o óleo, que eram a base para o sabão. Nós colhíamos estas frutas quando íamos para a escola. Depois, quando aumentou a venda comprávamos dos caboclos. Primeiro se vazia o sabão cameçá, pastoso. Depois foi aperfeiçoando. Meu irmão Abrão foi a Belém e uma fábrica aprendeu a fabricar sabão e aí junto com tainha mão. Montou uma pequena indústria. E desta indústria então é que saiu a possibilidade de irmos a Belém. Porque então já tínhamos condições de pagar cinco mil-réis por mês de hospedagem na casa do Professor.

A mãe reergue as finanças da família. E assim consegue alimentar,

educar e dar formação judaica aos filhos.

Nas duras condições regionais, a partir da família, das espaçadas mas constantes relações entre os de mesma origem étnica, do cumprimento de um calendário religioso e das regras que marcam o ciclo de vicia, restauram-se as bases religiosas, culturais e históricas. É um reatar cultural e a restauração de uma nova comunidade judaica.

A religião judaica tem um forte componente coletivo. O indivíduo pode fazer suas preces diárias sozinho, mas para a maioria dos rituais que marcam o ciclo de vida (circuncisão, enterro, luto, rezas) é necessário reunir 10 homens, um “miniam”. Não creio que este procedimento religioso explique inteiramente a constituição de comunidades judaicas como a amazônica. Estas têm um caráter laico importante e podem independer de práticas religiosas para se constituírem. No norte brasileiro a religião judaica provocou a organização de unia rede comunitária e re-institucionalizou antigas práticas.

Os historiantes⁶⁹ foram fundadores ou continuadores das associações que instituíram as bases da comunidade judaica atual da região amazonense. Quando alguns se mudaram para São Paulo continuaram a mesma prática.

Conclusão preliminar

Analisando a literatura sobre o Brasil até aproximadamente a década de 50, mostra Garcia⁷⁰ que se pensava o país em amplas divisões: Norte, Sul, Centro. Fernando de Azevedo foi um dos pioneiros a perceber e nomear o Oeste apreendendo unia região socialmente definida. Destacar o Nordeste da região Norte e individualizá-lo foi fruto de unia “invenção” de autores como Celso Furtado, que revelou como a generalização “norte” escondia o vínculo identitário da população “nordestina”⁷¹.

⁶⁹ M.I. Pereira de Queiroz, 1988.

⁷⁰ Garcia Jr., 1996.

⁷¹ Idem.

Entender este espaço social resultava de se desmembrar a Região Norte distinguindo nela a Região Nordeste. Não se trata de uma designação artificial, mas sim do reconhecimento de distinções existentes em todos os planos naquela vastíssima região brasileira.

A questão espacial é um aspecto exterior da identidade vinculada à região. Constitui um dos elementos da brasilidade. O indivíduo se sente brasileiro, mas brasileiro de uma dada região.

Esta intermediação regional da brasilidade aparece nos relatos de vida e nas trajetórias de imigrantes judeus e de seus filhos judeus brasileiros.

O Brasil traz também uma outra dimensão à restauração étnica. Comparando os estudos sobre a comunidade judaica feitos na Europa com este que faço no Brasil verifico que todos os estudos europeus relatam uma história que tem momentos de ruptura, fases em que a presença judaica é “liquidada”. A 2ª Guerra Mundial, o shoa, o governo Vichy, o stalinismo, o anti-semitismo na Europa Oriental, marcaram esta história com o vetor da destruição de um grupo social que se integrava ou pensava se integrar várias gerações.

Na América do Sul distinguem-se dois percursos. Países como a Argentina⁷², Paraguai, Bolívia e Chile, com um movimento anti-semita claro — pontuado por atentados terroristas recorrentes — que abrigaram nazistas criminosos de guerra com a conivência governamental e países como o Brasil em que estes fatos ocorreram esporadicamente sobretudo na ditadura getulista.⁷³ Em consequência, a visão que se tem da comunidade judaica hoje, do ponto de vista sociológico, é a de um processo de integração social. Face à experiência histórica internacional esta integração é feita cautelosamente. A comunidade não se desfez na sociedade global. Ao mesmo tempo em que se incorpora inteiramente à sociedade brasileira ela reconverte suas instituições, se resguarda face a manifestações anti-semitas como as já vividas secularmente em outras partes do mundo.

⁷² R. Weisbrot, 1979.

⁷³ E.A. Blay, 1989.

A comunidade judaica tem fronteiras flexíveis, porosas. Acompanha a dinâmica da sociedade brasileira e é articulada a ela. Ao mesmo tempo define um corpo de instituições distintas dentro da sociedade global. Restaura suas raízes na pluralidade da sociedade brasileira.

Bibliografia

- ABRAMSKY, CHIMEN et alii (ed). *The Jews in Poland*. Oxford-New York: Basil Blackwell, 1987.
- BARTH, Fredrik. "Enduring and Emerging Issues in the Analysis on Ethnicity". In: VERMEULEM, H. e GOVERS, C. *The Anthropology of Ethnicity - Beyond Ethnic Groups and Boundaries*. Het Spinhuis. p. 12-31, 1994.
- BELLER, Illex. *De mon shtetl à Paris*. Editions du Scribe, 1991.
- BENCHIMOL, Samuel. *Judeus do ciclo da borracha*. I Encontro Brasileiro de Estudos Judaicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 24-25 Outubro 1994. Universidade do Amazonas, Manaus, 1994. 75p. xerox
- BEREZIN, Rifka. *Caminhos do povo judeu*, vol. 3, Vaad Hachinuch-1975-6735. São Paulo.
- BERTAUX, Daniel. *Biography and Society*. London: Sage, 1981.
- BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: estudo sobre vilas operárias em São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. "Dormitórios e vilas operárias: o trabalhador no espaço urbano" In: Valadares, L. P (org). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro, 1987.
- _____. "Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sociopolítica brasileira nos anos 30." *Tempo Social*, n.1 (1), 105-130, 1989.
- _____. "As duas memórias: pequena história da imigração judaica". *Shalom*, Ano XIX, agosto de 1984, n. 223, p.4-11.
- _____. *Judeus em São Paulo: O Encontro de Diferentes Trajetórias*. Vídeo feito em colaboração com a RTC Radio e Televisão Cultura.

- CARDOSO, Fernando Henrique. "Dos governos militares a Prudente-Campos Sales". In: FAUSTO, B. (ed.) *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano*. Vol. 8. Ed. Difel/Difusão Editorial S.A., 1977.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *O judeu*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira Ltda., 1970.
- ELAZAR, Daniel J. "The Reconstitution of Jewish Communities. In "The Post-War Period". *The Jewish Journal of Sociology*, 11 (2) dez. 1969. pp. 187-226.
- ERTEL, Rachel. *Le shtetl: La bourgade juive*. Paris: Payot, 1986.
- FURTADO Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.
- GARCIA Jr. Afranio. "L'Invention du Nordeste Brésilien. L'origine internationale des identités regionaux". Conferência realizada no Institut d'Amérique Latine em 28/3/96.
- INSTITUTE of the World Jewish Congress. "Jewish Communities of the World", 1996.
- _____. "Jewish Communities of the World". Kesem Kibbutz Saad: Israel, 1996.
- KARADY, Victor. *La presence juive en Europe Centrale à l'époque contemporaine, invariants et specificités nationales*. Cahiers de Varsovie, 22 p. 161-169. Centre de Civilisation Francaise. Editions de l'Université de Varsovie, 1991.
- LAFER, Celso. *O Judeu em Gil Vicente*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1962.
- LETSCHINSKY, Jacob. "Migrações judaicas 1840-1956". In: RATNER, Henrique (org.) *Nos caminhos da diáspora*. Centro Brasileiro de Estudos Judaicos. São Paulo.

MÉRIENNE, Patrick. *Petit atlas mondial*. Éditions Ouest-France, 1994.

MINCZELES, Henri. *Histoire générale du Bund. Un mouvement révolutionnaire juif*. Paris: Austral, 1995.

MOULINAS, René. *Les Juifs du Pape*. Paris: Albin Michel, 1992.

NOVINSKI, Anita. *Cristãos-novos na Bahia* Ed. Perspectiva e EdUSP, 1972.

PLASSERAUD, Yves & MINZELLES, H.(ed). *Lituanie juive. 1918-1940. Message d'un monde englouti*. Paris, 1996.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. cap. 111. In: FAUSTO, B. (ed.) *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano*, tomo III vol. 2. Difel/ Difusão Editorial. pp 93-180, 1978.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. “Relatos orais: do indizível ao dizível”, pp. 14-43. In: SIMSON, Olga R.M. *Experimentos com História de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Ed.Vértice.

POLIAKOV, Leon. *De Cristo aos Judeus da Corte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

PRADO, Maria Lucia Coelho & CAPELATO, M.H.R. “A borracha na economia brasileira da Primeira República”. *O Brasil Republicano*, vol. III, p.291 e p. 93-180. Ed.Difel/Difusão Editorial S.A.

RAPHAEL, Freddy e WEYL, Robert. *Juifs en Alsace*. Toulouse: Privat, 1977.

REVEL, Jacques. *Jeux d'échelles. La micro-analyse à l'expérience*. Paris: Flautes Études. Gallimard. Le Seuil, 1996.

SAINT MARTIN, M. “Les élites. Formation, reconversion, internationa-

lisation”. Colloque de Stocklom, 24-26 setembro 1993. Donald Broady et alii. (ed.) Centre de sociologie de l'éducation et de la cultura. Paris: École des Hautes Études en Sciences sociales, 1995.

SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Riocell, 1992.

WEISBROT, Robert. *The Jews of Argentina, from the Inquisition to Peron*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1979.